

INTERCULTURA, EDUCAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL¹

Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri (UFSC)²

Resumo

A perspectiva intercultural da educação, emergente nos movimentos sócio-políticos, reconhece o caráter multidimensional e complexo da interação entre sujeitos diferentes. Busca, pois, desenvolver concepções e estratégias educativas que favoreçam o enfrentamento dos conflitos, na direção de superação das estruturas sócio-culturais geradoras de discriminação, de exclusão ou de sujeição entre grupos sociais. Em tal contexto, o Núcleo "Mover - Educação Intercultural e Movimentos Sociais" (UFSC), vem buscando conceituar epistemológica e pedagogicamente a perspectiva intercultural da educação. Seus estudos focalizam as relações entre grupos socioculturais, étnicos, geracionais, de gênero nas práticas educativas escolares e nos movimentos sociais, visando a elaborar subsídios teórico-metodológicos para a formação de educadores.

Palavras chaves: intercultura, movimentos sociais, educação popular, etnia, gênero, diferença cultural.

Com o processo de globalização, o Brasil enfrenta novos desafios nos planos econômico, político, social, cultural, ecológico e educativo. De modo particular, coloca-se a necessidade de se enfrentar os conflitos, de modo a fortalecer as identidades pessoais e culturais, ao mesmo tempo em que construir processos de entendimento e cooperação entre os diferentes grupos sociais. A relação entre movimentos sociais de diversos matizes, enraizados em contextos diferentes, requer a elaboração de novas linguagens e de modelos interculturais à altura da complexidade dos desafios contemporâneos. Nesta direção, vem ganhando grande relevância social e educacional diferentes iniciativas sociais e políticas. Desenvolveram-se recentemente, no contexto brasileiro, o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, as políticas afirmativas das minorias étnicas, as diversas propostas de inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais na escola regular, a ampliação e reconhecimento dos movimentos de gênero, a valorização das culturas infantis e dos movimentos de pessoas de terceira idade, além dos movimentos sociais articulados em torno de diferentes interesses econômico-políticos.

A perspectiva intercultural da educação, emergente nestes movimentos socioculturais e políticos, reconhece o caráter multidimensional e complexo da interação entre sujeitos diferentes. Busca, pois, desenvolver concepções e estratégias educativas que favoreçam o enfrentamento dos conflitos, na direção de superação das estruturas socioculturais geradoras de discriminação, de exclusão ou de sujeição entre grupos sociais.

¹ Conferência proferida no V Colóquio Internacional Paulo Freire: *Paulo Freire: desafios à sociedade multicultural*, Recife, de 19 a 22 de setembro de 2005. O texto discute parte dos resultados das pesquisas realizadas no âmbito do Projeto de Pesquisa *Educação intercultural: desafios e perspectivas da identidade e da diferença cultural em práticas educativas e movimentos sociais no Brasil*, financiado pelo CNPq (Brasil), no período de 2000-2004.

² Reinaldo Matias Fleuri é doutor em educação e professor titular na Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Coordena o Núcleo "Mover - Educação Intercultural e Movimentos Sociais" (UFSC), mover@mover.ufsc.br. Homepage: www.mover.ufsc.br.

Em tal contexto, o Núcleo “Mover - Educação Intercultural e Movimentos Sociais” (UFSC) vem buscando conceituar epistemológica e pedagogicamente a perspectiva intercultural da educação. Seus estudos focalizam as relações entre grupos socioculturais, étnicos, geracionais, de gênero nas práticas educativas escolares e nos movimentos sociais, visando a elaborar subsídios teórico-metodológicos para a formação de educadores. Tais estudos, desenvolvidos pelo Núcleo Mover sobre diferentes enfoques temáticos e transversais das relações interculturais, são apresentados sinopticamente a seguir.

1. Intercultura: questões emergentes

A globalização da economia, da tecnologia e da comunicação intensifica interferências e conflitos entre grupos sociais de diferentes culturas, particularmente na conjuntura recentemente agravada por ações políticas de caráter belicista por parte de nações hegemônicas, assim como pelas diversas formas de “terrorismo” desenvolvidas por organizações fundamentalistas. Frente a estes problemas, diferentes iniciativas e movimentos vêm desenvolvendo propostas de educação para a paz, para os direitos humanos, para a ecologia, para os valores etc.

Em todos estes movimentos sociais e educacionais que propõem a convivência democrática entre diferentes grupos e culturas, em âmbito nacional e internacional, assim como a busca de construir referenciais epistemológicos pertinentes, o trabalho intercultural pretende contribuir para superar tanto a atitude de medo, quanto a de indiferente tolerância frente ao “outro”, construindo uma disponibilidade para a leitura positiva da pluralidade social e cultural. Trata-se, na realidade, de um novo ponto de vista baseado no respeito à diferença, que se concretiza no reconhecimento da paridade de direitos.

Tal perspectiva configura uma proposta de “educação para a alteridade”, aos direitos do outro, à igualdade de dignidade e de oportunidades, uma proposta democrática ampla que, no mundo anglo-saxão, se define como *Multicultural Education* (EUA, Canadá, Grã-Bretanha), e que, nos outros países da Europa, assume diferentes denominações (pedagogia do acolhimento, educação para diversidade, educação comunitária, educação para a igualdade de oportunidades ou, mais simplesmente, educação intercultural), ou na América Latina tem priorizado as relações educativas com os povos indígenas.

Uma grande diversidade de termos e concepções vem sendo utilizada para indicar o conjunto de propostas educacionais que visam a promover a relação e o respeito entre grupos socioculturais, mediante processos democráticos e dialógicos. Entretanto, é preciso ter claro que os mesmos termos têm sido utilizados para indicar concepções distintas. O termo “multicultural” tem sido utilizado como categoria descritiva, analítica, sociológica ou histórica, para indicar uma *realidade de coexistência de diferentes grupos culturais* num mesmo contexto social. Também tem se referido a diferentes perspectivas de *respostas a esta realidade social multicultural*. Pode, inclusive representar *concepções pedagógico-políticas divergentes*: algumas defendem um modo de aproximar as *diferenças etnoculturais, isolando-as reciprocamente*; outras propugnam a perspectiva de *convivência democrática* entre todos os grupos diferentes.

Por sua vez, o adjetivo “intercultural” tem sido utilizado para indicar realidades e perspectivas incongruentes entre si: há quem o reduz ao significado de *relação entre grupos “folclóricos”*; há quem amplia o conceito de interculturalidade de modo a *compreender o “diferente” que caracteriza a singularidade e a irrepetibilidade de cada*

sujeito humano; há ainda quem considera interculturalidade como sinônimo de “*mestiçagem*”.

Também o termo “transcultural” é utilizado segundo diferentes sentidos. É entendido às vezes como *elemento transversal já presente em diferentes culturas* (universais culturais inscritos na estrutura humana), ou então como *produto original da hibridização* de elementos culturalmente diferentes.

Nós mesmos, à medida que vimos ampliando e aprofundando nosso processo de pesquisa, fomos dialogando sucessivamente com diferentes concepções de educação intercultural ou multicultural. Inicialmente encontramos estes termos definidos como sinônimos (Fleuri, 1998b, p. 117-122). Mas, ao estudar a reflexão italiana sobre educação intercultural (Nanni, 1998), verificamos o entendimento da educação intercultural como aquela que enfatiza a relação entre sujeitos culturais diferentes, enquanto a educação multicultural constituiria uma perspectiva que busca o reconhecimento identitário das minorias étnicas, em luta contra os processos de sujeição a que foram submetidas historicamente (Fleuri, 2000). Estudos posteriores (Canen e Moreira, 2001) levaram-nos a entender o termo multiculturalidade como indicador da realidade de coexistência de diversos grupos culturais na mesma sociedade, enquanto o termo interculturalidade nos servia para indicar o conjunto de propostas de convivência e de relação democrática e criativa entre culturas diferentes. Mais recentemente, interagimos com estudos que buscam representar polifonicamente a polissemia dos desafios e das propostas emergentes como as expressões inter/multicultural (utilizada por Stoer, 2001) e intertranscultural (utilizada por Padilha, 2004).

A dificuldade de se controlar o entrelaçamento da terminologia e de interpretar corretamente o conjunto das diferentes propostas, impede-nos de produzir definitivamente esquemas simplificadoros eficazes. Mas, por isso mesmo, torna os processos de estudo e o debate neste campo particularmente criativo e aberto ao aprofundamento.

Para além da polissemia terminológica e da evidente diversidade de perspectivas que se expressam nas teorias e propostas relativas ao multiculturalismo, interculturalismo, transculturalismo, constitui-se um campo de debate que se torna paradigmático justamente por sua complexidade: *a sua riqueza consiste justamente na multiplicidade de perspectivas que interagem e que não podem ser reduzidas por um único código e um único esquema a ser proposto como modelo transferível universalmente.*

Entretanto, o eixo conceitual em torno do qual se situam as questões e as reflexões emergentes neste campo, e que caracteriza os mais espinhosos problemas do nosso tempo, é o da possibilidade de *respeitar as diferenças* e de *integrá-las em uma interação que não as anule*, mas que *ative o potencial criativo e vital da conexão entre diferentes agentes e entre seus respectivos contextos*. Isto vale, de fato, tanto para o discurso das diferenças étnicas e culturais, físicas e sociais, de gênero e de gerações, a serem acolhidas na escola e na sociedade, quanto para a distinção entre os povos, a ser considerada nos equilíbrios internacionais e planetários. Vale também para a diversidade das propostas metodológicas, assim como para a possibilidade da articulação em rede das informações e dos novos saberes nas formas do pensamento complexo.

Enfim, estamos agora chamando de *intercultural* a este *complexo campo de debate em que se enfrentam polissemicamente* (constituindo diferentes significados, a partir de diferentes contextos teóricos e políticos, sociais e culturais) e *polifonicamente* (expressando-se

através de múltiplos termos e concepções, por vezes ambivalentes e paradoxais) *os desafios que surgem nas relações entre diferentes sujeitos socioculturais*. Neste campo, vimos estudando questões relativas às relações interétnicas, assim como às relações entre gerações e de gênero emergentes nos movimentos sociais.

2. Intercultura e movimentos sociais

Os movimentos sociais têm sido um campo chave para as pesquisas que vimos desenvolvendo, justamente porque neles buscamos estudar as estratégias de representação e de aquisição de poder (*empowerment*) que tais movimentos vêm elaborando. Verificamos que os movimentos sociais representam um campo muito complexo de desafios para a educação intercultural (FLEURI, 1998a), particularmente frente ao processo de massificação produzido pela ação dos meios de comunicação de massa. Nesta dimensão, os estudos de Orofino (2003) e Siewerdt (2000) evidenciam que os meios de comunicação de massa, assim como as novas tecnologias educacionais, exercem uma profunda influência nas culturas populares. Mas esta influência não se constitui de modo unidirecional e inexorável, pois é constantemente ressignificada pelas experiências socioculturais que marcam as histórias de vida das pessoas, assim como pelas mediações culturais tecidas pelos diferentes grupos e movimentos sociais. Daí pode-se compreender a importância do trabalho educacional no sentido de potencializar a vitalidade e a criatividade dessas múltiplas teias interculturais de ação e comunicação social.

Tal complexidade se evidencia nos estudos conduzidos por Nadir Azibeiro, que vem problematizando a multiplicidade das relações e interações que constituem a trama do cotidiano e da história de uma comunidade de periferia urbana, em Florianópolis, SC (AZIBEIRO, PERASSA, DOLZAN, 2001; AZIBEIRO, 2001; 2003a; 2003b). Instalada a partir de um movimento popular de ocupação, essa comunidade passou, após oito anos, a manifestar divergências internas de caráter político, religioso, étnico e cultural. Tal fenômeno indica o desenvolvimento de diferentes trajetórias que se encontram e desencontram, revelando uma pluralidade dos elementos e dos processos que vêm constituindo a comunidade. Neste contexto, a educação intercultural pode se manifestar como encontro-confronto polifônico e dialógico entre pessoas e grupos com várias identidades culturais, desconstruindo cristalizações manifestadas como preconceitos e estereótipos que subalternizam.

A tarefa da educação intercultural, como a estamos concebendo a partir das experiências educativas realizadas neste contexto, não é adaptar, ou mesmo simplesmente possibilitar a mútua compreensão das linguagens. É, antes, possibilitar a emergência dos múltiplos significados (polifonia), provocando a reflexão sobre seus fluxos e cristalizações e os jogos de poder aí implicados, buscando-se a transformação de relações hierarquizadas e excludentes em relações de reciprocidade e de inclusão; de saberes fragmentados e disciplinarizados, em saberes que busquem, além das distinções, as interconexões, a desestabilização de dicotomias, substituindo bifurcações hierárquicas por redes de diferenças cruzadas, múltiplas e fluidas (numa perspectiva dialógica).

Uma outra dimensão interessante dos movimentos sociais está sendo explicitada pelos estudos no âmbito dos movimentos sociais rurais. Willer Barbosa (2002) analisa as práticas formativas articuladas a partir de trabalhadores e trabalhadoras rurais que vivem em regime de agricultura familiar, no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (MG, Brasil). E verifica que, enquanto sujeitos socioculturais coletivos com traços étnicos ameríndiafricanos, no contexto do envolvimento com um desenho ambiental

agroecológico, os trabalhadores rurais passam a reivindicar o reconhecimento de seus processos identitários de resistência e resiliência étnicas e culturais.

De um lado, as pesquisas de Willer Barbosa vêm demonstrando a uma emergência de identidades étnicas a partir de lutas de movimentos sociais camponeses, indicando uma ambivalência entre a dimensão étnica e política. De outro lado, as pesquisas de Nadir Azibeiro vêm explicitando as divergências internas de caráter político, religioso, étnico e cultural nas organizações comunitárias, indicando a pluralidade dos elementos e dos contextos que as vêm constituindo. Assim, estes estudos sobre diversos contextos de movimentos sociais indicam variadas formas e diferentes processos para se trabalhar a tensão entre a pluralidade cultural e a unidade política, assim como a tensão entre a busca de identidade cultural e a diversidade de opções políticas.

3. Intercultura e relações interétnicas

O nosso estudo da intercultura no campo das identidades e das relações (inter)étnicas tem focalizado principalmente as culturas indígenas (GRANDO, 2004), as afro-brasileiras (OLIVEIRA, 2002; TRAMONTE, 2001a; 2001b; CORTE REAL, 2002) e as de imigrantes europeus (DOLZAN, 2003) , em suas interações com outras configurações étnicas no contexto brasileiro. Ainda do ponto de vista das relações interétnicas, produzimos um estudo sobre uma “experiência intercultural” de educadores brasileiros com educadores japoneses (FLEURI, 1999) e uma “pesquisa sociopoética” (FLEURI, GAUTHIER e GRANDO, orgs, 2001), tendo esta última focalizado o imaginário de pesquisadores sobre as “relações étnicas entre o negro, o índio e o branco”, para realizar um estudo de caráter eminentemente epistemológico e teórico-metodológico a respeito da pesquisa em grupo.

Tais estudos analisam contextos e problemáticas singulares, a partir de diferentes enfoques teóricos. Revelam, no entanto, algumas constatações de caráter geral.

Em primeiro lugar, permitem compreender que as identidades étnicas se constituem dinamicamente e de modo complexo nas relações entre os diferentes grupos socioculturais. De um lado, compreende-se que um grupo étnico vai se constituindo a partir de práticas culturais e de interesses compartilhados por um conjunto de pessoas num determinado contexto sócio-histórico. Mas, de outro lado, percebe-se que o reconhecimento ou a contestação, por parte de outros grupos, ativam novas reinterpretações dos significados que cada grupo atribui às suas práticas. Neste sentido, o processo identitário vai se desenvolvendo de modo fluido, híbrido e polissêmico, porque relacional. Esta é justamente uma das constatações que se pode deduzir a partir da pesquisa desenvolvida por Beleni Salete Grandó, junto ao povo Bororo³, e dos estudos realizados por Cristiana Tramonte⁴, junto a práticas culturais afro-brasileiras.

³ Beleni Saléte Grandó (2004) investigou as relações interculturais nas práticas corporais indígenas, tendo como referência as relações estabelecidas historicamente entre o povo Bororo (MT, Brasil) e a sociedade brasileira envolvente, com o intuito de formular conhecimentos educacionais para sua educação escolar e para a formação de professores indígenas. Sua tese estuda as relações interculturais que se configuram nas práticas corporais de povos indígenas, contextualizando-as no processo de “integração” do povo Bororo à sociedade brasileira/mato-grossense e no movimento indígena por terra, cultura e educação. O estudo focaliza práticas corporais das crianças na aldeia, de modo particular, o ritual de nomeação, a dança tradicional bororo e o futebol praticado pela comunidade, oferecendo importantes referências para a discussão dos processos de interculturação e de educação que se desenvolvem nas práticas corporais indígenas.

Em segundo lugar, verifica-se que os processos de constituição e identificação étnica atravessam processos de organização social de caráter econômico e político, ao mesmo tempo em que a constituição étnica é atravessada por mobilizações econômico-políticas. O trabalho de Janiane Dolzan⁵ evidencia, justamente, que as disputas no campo cultural constituem mediações de múltiplas disputas políticas que perpassam as diferentes propostas de italianidade empreendidas no município de Rodeio (SC, Brasil).

Em terceiro lugar, as pesquisas evidenciam que as práticas culturais populares constituem-se num poderoso campo de luta social. As pesquisas de Cristiana Tramonte demonstram, precisamente, que o carnaval e as escolas de samba (2001a), assim com as práticas religiosas afro-brasileiras (2001b), configuraram-se como mediações importantes para as classes populares conquistarem reconhecimento e hegemonia cultural no contexto brasileiro.

Por fim, verifica-se a importância de se considerar a dimensão étnica e interétnica nas relações pedagógicas. De um lado, foi possível reconhecer os estereótipos e preconceitos que emergem, seja no cotidiano das relações escolares (como o demonstra Anselmo Oliveira⁶), seja no imaginário dos educadores e pesquisadores (como ficou explícito na nossa pesquisa sociopoética). De outro lado, verifica-se a necessidade de se elaborar estratégias de origem popular para a formação de educadores, como se vem propondo nas pesquisas sobre capoeira desenvolvidas por Marcio Penna Corte Real⁷.

4. Intercultura e gerações

⁴ Cristiana Tramonte, em seu livro *O Samba conquista passagem* (2001a), realiza um trabalho de recuperação histórica do carnaval no Brasil, focalizando a dimensão educativa da prática social e cultural das escolas de samba, particularmente em Florianópolis (SC, Brasil). Apresenta os avanços e os retrocessos do Mundo do Samba, analisa suas contribuições pedagógicas na esfera do lazer, da criação artística e da cultura, e estuda como, através de todo este processo, desenvolve ações de cidadania. Esta obra mostra como as Escolas de Samba se fazem expressão da sociedade que as circunda, refletindo sua estrutura e sua organização social. Por um lado, expressa o sonho de alguns em busca do “igualitarismo cultural”, ritualizando esta utopia no desfile das Escolas. Por outro, evidencia hierarquias de classe, diferenças étnicas, conflitos e lutas pelo poder nos atos de organização do carnaval.

Da mesma autora, o livro *Com a Bandeira de Oxalá! - Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis* (TRAMONTE, 2001b) é mais um precioso guia para adentrar no mundo da cultura afro-brasileira. Constitui-se num estudo etnográfico, que fixa o discurso social desenvolvido pelas religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis, na forma de “trajetória histórica”, descrita com base em uma abrangente coleta e atenta análise das fontes disponíveis, assim como na forma de discussão de “temas relevantes” para os líderes religiosos da Umbanda, do Candomblé e de Almas e Angola, entrevistados na região florianopolitana. A obra constitui uma documentação histórica de grande envergadura e se tornou uma referência pioneira sobre a trajetória das religiões afro-brasileiras no sul do Brasil.

⁵ Janiane Dolzan (2003) elaborou a dissertação sobre “O Processo de Construção da Italianidade em Rodeio - 1975/2000”, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão. A intenção deste trabalho foi perceber os interesses pessoais e coletivos, materiais e simbólicos, que entremeiam as múltiplas ações que configuram os diferentes projetos de italianidade fomentados no município de Rodeio (SC, Brasil).

⁶ O livro de Anselmo Pereira de Oliveira (2002) analisa a tensão interétnica existente no Oeste de Santa Catarina, Brasil. Estuda os estereótipos construídos por descendentes de imigrantes italianos e alemães, entendidos como os “de origem”, em relação ao grupo visto como minoritário composto por descendentes de caboclos, negros, índios e mestiços, cognominados de “brasileiros”.

⁷ Marcio Penna Corte Real está desenvolvendo o projeto de tese (2002) que visa a investigar a dimensão intercultural das estratégias educativas e práticas de resistência cultural na capoeira, principalmente as expressas nas suas músicas de origem étnica negra.

No campo das relações geracionais, focalizamos a educação de adultos em dois estudos (KLEIN, 2000; XAVIER, 2003). Estas duas pesquisas⁸ focalizam, sob pontos de vistas diferentes, o trabalho de alfabetização de pessoas jovens, adultas e anciãs. Verifica-se uma tensão entre, de um lado, os discursos oficial e religioso, que pretendem fixar a identidade do adulto alfabetizando, e, de outro lado, as experiências de vida destas pessoas, que revelam singularidades que escapam às categorizações institucionais e podem potencializar a emergência de múltiplas e criativas interpretações (leituras e escritas) das realidades humanas. Tal tensão se configura num desafio fundamental aos educadores e às educadoras, no sentido de reconhecer e trabalhar interculturalmente as diferenças subjetivas e culturais das pessoas educandas.

Esta mesma questão é enfrentada no campo da educação infantil. De modo particular, com Maria Izabel Porto de Souza (2002), investigou uma experiência prática de intercâmbio pedagógico intercultural realizada entre educadores(as) e crianças brasileiras e educadores(as) e crianças italianas. O estudo evidenciou neste trajeto traços de percursos interculturais que falam da presença de sujeitos que tecem teias de relações nos processos educacionais, normalmente invisíveis, mas presentes nas relações articuladas por liames de reciprocidade, solidariedade, acolhimento, escuta, reconhecimento, auto-estima e conflitualidade. Neste sentido, encontraram-se pistas para elucidar as contribuições que a transversalidade da educação intercultural pode proporcionar para atuação com crianças das classes populares e para a formação de educadores e educadoras. Traços de uma pedagogia das fronteiras, das mestiçagens, traços de uma didática intercultural que não coloca a sua atenção nas culturas, enquanto tais, mas que presta *atenção às pessoas que são portadoras destas culturas*. Uma didática que reflete sobre o ser humano e coloca a pessoa como valor, no centro do saber, do saber-fazer e do saber-ser em educação.

Avançando na busca de elaborar referenciais para a formação de educadores e educadoras, Cleonice Maria Tomazzetti (2004) desenvolveu um estudo na perspectiva da investigação-ação educativa. Partiu do entendimento da infância como portadora de cultura própria, na medida em que as crianças desenvolvem padrões de interpretação e de relações próprios de sua fase de desenvolvimento humano. Com base nestes padrões culturais infantis, construídos dinamicamente na sua relação com o seu contexto social e cultural mais amplo, as crianças interagem com o ambiente e com os adultos elaborando significados próprios. Neste sentido, o estudo desenvolveu a compreensão de processos educativos que, constituindo-se como investigação dos significados e dos padrões de significados desenvolvidos pelas crianças, possibilitem o reconhecimento da peculiaridade das culturas infantis e promovam seu crescimento em diálogo crítico com as culturas dos adultos. A ampliação da potencialidade educativa das crianças implica, deste modo, em superar a

⁸ A dissertação de Rejane Klein (2000) analisa o discurso da alfabetização de adultos ao longo da história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil e, em particular, na região oeste do Paraná. Constata várias formas de objetivação e subjetivação do adulto analfabeto que propiciaram o estabelecimento de relações entre as práticas pedagógicas e o discurso da alfabetização. Já a dissertação de Marcia Rejania de Souza Xavier (2003), investiga os conflitos interculturais que emergem na relação entre alfabetizador e alfabetizados no Programa de Educação de Adultos de Comunidades Evangélicas – PEACE (Londrina, PR, Brasil). Focalizando as tensões e ambivalências que emergem da relação intercultural, a pesquisa investiga os significados que a Educação de Adultos assume, quando acontece em um contexto religioso popular evangélico. Os resultados apontam para a necessidade, na Educação de Adultos, de valorizar a cultura popular, constituída com base na oralidade, e de considerar a experiência de fé das classes populares, no sentido de conhecer a leitura que as pessoas empobrecidas fazem do mundo.

idéia de criança como um ser carente de razão, imaturo e incapaz, concepção esta que sustenta o entendimento de educação escolar como supridora de deficiências e carências infantis, a partir de padrões culturais tidos como universais e homogêneos.

Em suma, tanto nas práticas educacionais realizadas com pessoas adultas, quanto nas práticas de educação infantil, pareceu importante considerar a especificidade e a complexidade das experiências culturais e geracionais das crianças, dos jovens, dos adultos e dos anciãos. Considerar os educandos como pessoas – cada uma com uma singular história de vida e como sujeitos de cultura, ou seja, como autora de experiências e protagonista de relações desenvolvidas em contextos sociais complexos – aparece como a base para a construção de uma relação educativa dialógica e intercultural. Neste sentido, as pesquisas de Maria Izabel Porto de Souza apontam estratégias de educação intercultural, da mesma forma que Cleonice Maria Tomazzetti desenvolve a proposta de investigação-ação-educativa, como mediações importantes para potencializar dialogicamente as redes de conhecimentos e de experiências humanas desenvolvidas pelas crianças, assim como pelos adultos, tal como demonstrado por Márcia Rejania de Souza Xavier e Rejane Klein.

5. Intercultura e gênero

Em nosso grupo de pesquisa, começamos a assumir o estudo de questões de gênero a partir do estudo desenvolvido por Roselei Schmitz (2002). Esta investigação analisou as relações de gênero nas ações cotidianas da Educação Infantil com crianças na faixa etária de 4 a 5 anos. A temática de gênero também foi, juntamente com a questão geracional, o foco central da pesquisa de mestrado desenvolvida por Rosângela Steffen Vieira (2004). A pesquisa analisou como as representações sobre sexualidade e gênero são construídas e assumidas pelos jovens que vivem nos assentamentos do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra. O estudo identificou como estes jovens se expressam sobre sexualidade e evidenciou as representações de gênero implícitas nestes discursos, bem como as interfaces entre o contexto em que vivem, marcado pela militância política, e as representações em questão.

Outra contribuição importante para a discussão sobre gênero em nosso grupo de pesquisa foi prestada por Silvana Maria Bitencourt (2003), que vem estudando as relações de gênero e geracionais entre feministas jovens e históricas, focalizando os aspectos relativos à construção da identidade feminina na contemporaneidade brasileira.

Entretanto, a mais ampla e profunda interlocução pesquisas sobre as relações de gênero – interlocução esta que nos interpelou a reconfigurar a própria compreensão da interculturalidade – ocorreu por ocasião do desenvolvimento do Projeto *Rizoma* e da realização do *II Seminário Internacional Educação Intercultural, gênero e movimentos sociais* (cf. www.rizoma.ufsc.br). Dos mais de trezentos trabalhos apresentados e discutidos neste evento, um parcela significativa abordou os mais diferentes e avançados estudos sobre relações de gênero no Brasil.

O diálogo com estes estudos sobre relações de gênero tem nos sido extremamente significativo, de modo particular para se compreender os desafios interculturais que emergem na constituição das identidades de gênero e das subjetividades. A multiplicidade de significados que emergem hoje através da ação de grandes movimentos sociais promovidos em torno das questões de gênero, coloca o desafio de trabalhar educativamente no enfrentamento de preconceitos e discriminações sociopolíticas arraigados em nossas histórias e em nossas culturas. Ao mesmo tempo, torna urgente assumir e desenvolver nos

processos pedagógicos a dimensão de gênero e de sexualidade como fator tão essencial quanto delicado e complexo da constituição das subjetividades e das identidades socioculturais.

6. Considerações finais

O processo de pesquisa desenvolvido pelo Núcleo Mover indica a complexidade que a perspectiva intercultural revela nas práticas dos movimentos sociais. São múltiplos sujeitos sociais que, a partir de diferentes contextos culturais, desenvolvem relações de saber e de poder que agenciam diferentes dispositivos políticos, diferentes linguagens e campos semióticos, articulando diferentes dimensões e campos epistêmicos. A fricção entre os diferentes campos de força, produzidos pelas ações dos diferentes agentes socioculturais, constituem entrelugares (BHABHA, 1998), em que vão emergindo paradoxos, ambivalências, contradições, tensões, desafios, que mobilizam a emergência do novo e interpelam os diferentes agentes sociais em geral e, em particular, as educadoras e os educadores. Eis, pois, o repto da educação intercultural: captar, compreender, potencializar a emergência dos dispositivos e dos movimentos socioculturais que propiciem a vida e a convivência humana e ecológica, na direção da igualdade de direitos e de oportunidades, do respeito e da constituição das singularidades, numa perspectiva emancipatória e solidária, em tensão contínua com os dispositivos de sujeição e exclusão.

Ao buscar estudar algumas questões que emergem nas relações entre movimentos sociais de etnias, de classe, de gerações e de gênero, o Núcleo Mover vem prestando uma modesta contribuição para o avanço na elaboração de referenciais epistemológicos da educação intercultural. Ao mesmo tempo, a perspectiva de atuação em rede com outros grupos de pesquisa – que obviamente trabalham a partir de diferentes enfoques teóricos – impeliu-nos a buscar superar a fragmentação e a disciplinarização que tem caracterizado historicamente a prática de pesquisa. Isto nos abre possibilidades de construção de perspectivas transdisciplinares na produção do conhecimento científico.

Assim, de um lado, o eixo articulador do nosso processo de pesquisa vem se constituindo pela busca de elaboração epistemológica do conceito de intercultural e do estudo crítico dos desafios interculturais colocados pelos movimentos sociais na realidade brasileira. De outro lado, o próprio processo metodológico e as relações dialógicas, que o grupo vem construindo, tem nos levado a viver uma experiência intercultural de elaboração dialógica e complexa do conhecimento.

Referências Bibliográficas

AZIBEIRO, N. E. Comunidades de periferia, relações interculturais e formação de educador@s: algumas questões epistemológicas, políticas e pedagógicas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL INTERCULTURA, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS. Identidade, Diferença e Mediações. 2003, Florianópolis. *Anais do evento*. Florianópolis: UFSC, 2003 a. CD ROM.

AZIBEIRO, N. E. Educação Intercultural e Complexidade: desafios emergentes a partir das relações em comunidades populares. In: FLEURI, R. M, org. *Educação Intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003 b. p.85-107.

AZIBEIRO, N. E. Educação popular e movimentos sociais: o que têm feito as assessorias? In: 24ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. 24, 2001, Caxambu. *Relação de trabalhos*. Caxambu, 2001. CD ROM.

AZIBEIRO, N. E.; PERASSA, M. I.; DOLZAN, J. C. Educação e Intercultura na Comunidade Nova Esperança In: FLEURI, R.M. *Intercultura: Estudos Emergentes*. Ijuí: Unijuí, 2001. p. 17-39.

BARBOSA, W. A. *Em defesa da vida e do meio ambiente: uma jornada intercultural em Araponga, Minas Gerais*. Florianópolis: 2002. Projeto de tese de doutorado – Programa de Pós-graduação em Educação. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BITENCOURT, S. M. Um olhar sobre a participação das feministas no II FÓRUM SOCIAL MUNDIAL. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL: EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS. Identidade, Diferença e Mediações. 2003, Florianópolis. *Relação de trabalhos*. Florianópolis: UFSC, 2003. CD ROM.

CANEN, A.; MOREIRA, A. F. B. Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente. In: CANEN, A. e MOREIRA, A. F. B., orgs. *Ênfases e omissões no currículo*. Campinas: Papirus, 2001.

CORTE REAL, M. P. *Intercultura e Dialogicidade: investigando estratégias educativas e práticas de resistência cultural na Capoeira*. Florianópolis: UFSC, 2002. Projeto de tese - (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.

DOLZAN, J. *A (re)invenção da italianidade em Rodeio – SC*. Florianópolis, 2003, Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Luiz Felipe Falcão.

FLEURI, R. M. (org.) *Intercultura e Movimentos Sociais*. Florianópolis: MOVER/NUP, 1998a.

FLEURI, R. M. Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educativos. In: *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa*. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino - ENDIPE. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 67-81.

FLEURI, R. M. *Na terra do sol nascente: uma vivência intercultural*. Florianópolis: MOVER, 1999.

FLEURI, R. M. Educação popular e complexidade. In: COSTA, M.V. *Educação popular hoje*. São Paulo: Loyola, 1998b, p. 99-122.

FLEURI, R. M.; GAUTHIER, J.; GRANDO, B. S. (Orgs.) *Uma pesquisa sociopoética: o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de educação*. Florianópolis: UFSC/NUP/CED, 2001.

GRANDO, B. S. *Corpo e Educação: Relações Interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri – MT*. Florianópolis: 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.

KLEIN, R. *Os discursos da alfabetização de adultos e as representações do sujeito analfabeto*. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.

NANNI, A. *L'educazione interculturale oggi in Italia*. Brescia: EMI, 1998.

OLIVEIRA, A. P. *O discurso da exclusão na escola*. Joaçaba: UNOESC, 2002.

OROFINO, M. I. *Mídia e Educação: contribuições dos Estudos da Mídia e Comunicação para uma pedagogia dos meios na escola*. In: FLEURI, R.M., org. *Educação Intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PADILHA, P. R. *Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação*. São Paulo: Cortez/IPF, 2004.

SCHMITZ, R. *Gênero e infância: a busca de uma relação*. Florianópolis, 2002. Relatório Final de Iniciação Científica - Universidade Federal de Santa Catarina, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/DF. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri. Co-orientadora: Déborah Thomé Sayão.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL INTERCULTURA, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS. *Identidade, Diferença e Mediações*. 2003, Florianópolis. *Anais do evento*. Florianópolis: UFSC, 2003 a. CD ROM.

SIEWERDT, M. J. *Da cultura como mediação à mediação como cultura política: um estudo de recepção com educadores do MST frente aos recursos audiovisuais*. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – PPGE/CED, Universidade Federal de Santa Catarina.

SOUZA, M. I. P. *Construtores de pontes. Explorando limiares de experiências em educação intercultural*. Florianópolis, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.

STOER, S. *Desocultando o vôo das andorinhas: educação inter/multicultural crítica como movimento social*. In: *Transnacionalização da educação: da crise da educação à "educação" da crise*. Porto: Afrontamento, 2001.

TOMAZZETTI, C. M. *Pedagogia e infância na perspectiva intercultural: implicações para a formação de professores*. Florianópolis, 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.

TRAMONTE, C. *O Samba Conquista Passagem: As estratégias e a ação educativa das escolas de samba*. Petrópolis: Vozes, 2001a.

TRAMONTE, C. *Com a Bandeira de Oxalá! Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras da Grande Florianópolis*. Itajaí/Florianópolis: Univali/Lunardelli, 2001b.

VIEIRA, R. S. *Juventude e sexualidade no contexto (escolar) de assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. Florianópolis: 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.

XAVIER, S. M. *Educação e Religião: os entrelugares da educação de adultos na ação educativa da PEACE*. Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Reinaldo Matias Fleuri.